



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v25n02/2018p106-136>

LIBERDADE E PODER EM "O QUE OS OLHOS NÃO VEEM", DE RUTH ROCHA

LIBERTY AND POWER IN "O QUE OS OLHOS NÃO VEEM", BY RUTH ROCHA

Luciana Siqueira Ribeiro¹
Thiago Soares De Oliveira²

Recebimento do texto: 20/08/2018

Data de aceite: 15/09/2018

RESUMO: O presente trabalho objetiva refletir criticamente acerca dos aspectos sociais e políticos presentes na obra infantojuvenil *O que os olhos não veem* (1981), escrita por Ruth Rocha, quando o Brasil ainda vivia sob o regime militar. Por se tratar de um trabalho de cunho bibliográfico e analítico, a abordagem escolhida é essencialmente qualitativa e justifica-se pela intencionalidade de lançar luz sobre a atualidade da obra em relação às questões sociais gerais e ao poder dominante, o qual se apresenta metaforicamente na obra, mas encontra reflexos na atual conjuntura político-social brasileira. Espera-se, assim, chamar a atenção para o debate sobre o lugar que a Literatura Infantojuvenil pode ter em sala de aula no sentido de aprimorar o olhar crítico do público-alvo a partir da temática relevante que pode ser vislumbrada na obra de Rocha.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantojuvenil; Ruth Rocha; O que os olhos não veem.

ABSTRACT: This paper aims to critically reflect on the social and political aspects present in the juvenile book *O que os olhos não veem* (1981), written by Ruth Rocha while Brazil was still living under the military dictatorship. Because it is a bibliographic and analytical work, the chosen approach is essentially qualitative and intends to draw attention to the topicality of the book regarding general social issues and the dominant power, which was presented metaphorically in the book although it has its real representatives in the current Brazilian social and political context. It is therefore expected to make a point of the discussion about the importance that juvenile literature may have in the classroom in order to improve the critical look of the students from the topic seen in this work by Rocha.

KEYWORDS: Juvenile literature; Ruth Rocha; O que os olhos não veem.

¹ Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e em Comunicação Social pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU). Docente da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes. E-mail: lcnriqueiraribeiro@gmail.com

² Doutor em cognição e linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professor da licenciatura em letras e da especialização em literatura, memória cultural e sociedade do instituto federal fluminense (IFF). E-mail: so.thiago@hotmail.com





Considerações Iniciais

A partir de uma análise reflexiva sobre uma das obras de Ruth Rocha, escritora premiada da Literatura Infantojuvenil, este trabalho lançará luz sobre as ideias que permeiam o texto do livro *O que os olhos não veem* (1981), considerando que a obra foi escrita durante o período da ditadura militar, momento em que artistas e pensadores eram perseguidos e exilados por manifestarem opiniões contrárias ao regime.

A motivação para escrita deste artigo surgiu da observação pessoal acerca da forte presença da obra de Ruth Rocha no Ensino Fundamental, ainda que a leitura de seus textos pareça ser pouco explorada de forma crítica. Apesar de a Literatura Infantojuvenil ser utilizada para deleite e prazer, percebe-se que, em *O que os olhos não veem*, a autora expõe ao leitor questões de poder e de liberdade, além de possibilidades de mudanças de uma situação de insatisfação pré-estabelecida. Acredita-se que textos desse tipo podem auxiliar na formação crítica da criança e do jovem. Com maestria e sutileza, Rocha se vale da Literatura como possibilidade de criação e posicionamento político-social.

Eis que desponta, então, a seguinte questão-problema: Como a obra *O que os olhos não veem*, de Ruth Rocha, aborda questões de liberdade e poder, além de questões sociais, se durante a ditadura militar, o cerceamento da arte, da música e da literatura era evidente? Acredita-se que, possivelmente, a obra da autora utilize mecanismos capazes de "burlar" o controle ditatorial, fazendo da Literatura Infantojuvenil um lugar mais seguro para questionamentos de ordem político-social, em razão do público-



alvo a que se dirige. Dessa forma, o objetivo desse artigo é refletir criticamente acerca dos aspectos sociais presentes na obra infanto-juvenil *O que os olhos não veem*, originalmente escrita por Ruth Rocha na década de 80, quando o Brasil ainda vivia sob o regime militar, com o intuito de, mais especificamente: a) verificar quais mecanismos são utilizados na obra de modo que possa significar durante a ditadura militar e b) a relação dos fatos lá narrados com atualidade.

Para tanto, adota-se a análise crítica de caráter qualitativo da obra *O que os olhos não veem* com base em dados coletados no levantamento bibliográfico condizente com a proposta do trabalho, como forma de atingir o objetivo proposto de acordo com as proposições de Lakatos e Marconi (2007). Outro pressuposto que ampara o escopo a ser desenvolvido neste trabalho é o de que, segundo Miguel (2006), Ruth Rocha foi uma das primeiras escritoras infantojuvenis a considerar a criança como capaz de fazer julgamentos e expressar opinião, ou seja, a autora passa a ver a criança como um ser ativo no momento da leitura, mais uma razão que corrobora a necessidade de investigar problema suscitado neste artigo. Pensa-se, pois, que, sob mediação, alunos podem desenvolver potencial crítico a partir da Literatura Infantojuvenil atentando ao discurso como bem lembra Orlandi (1996, p. 25) quando diz que “a leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos”.

Por fim, o referencial teórico é articulados às seções deste trabalho, da seguinte maneira: o primeiro capítulo traçará brevemente, com apoio na pesquisa bibliográfica realizada na página oficial de Ruth Rocha e nas dissertações de mestrado de Maria Aparecida de Fátima Miguel (2006),



Thaís Otani Cipolini (2007) e Cláudia de Oliveira Daibello (2013), além de outros estudiosos da obra da autora, uma breve biografia de Ruth Rocha e discorrerá sobre o contexto histórico que permeia a escrita do livro *O que os olhos não veem*, embasando-se em Vargas e Santos (2008), Reimão (2014) e Coelho (1991). No segundo capítulo, por sua vez, trechos do livro serão analisados com o intuito de verificar os mecanismos utilizados para que pudesse significar durante a ditadura, entendendo a atualidade das temáticas considerando o contexto do país, de modo que se possa ter um vislumbre do possível tratamento subsidiado da criticidade com crianças e jovens.

Ruth Rocha: breve biografia e contexto histórico da escrita literária

Segundo Miguel (2006, p. 10), “pouco se escreveu de fato, de forma sistemática sobre a autora” e, por conta disso, muitos trabalhos sobre essa reconhecida escritora se valem de entrevistas concedidas por ela a jornais, revistas e sites, além de alguns trabalhos acadêmicos. Dessa forma, o aporte teórico a que também se recorre são as informações contidas no dicionário crítico de Nelly Novaes Coelho (1991), que traçou um perfil de Ruth Rocha, bem como algumas publicações a respeito da vida e da obra da autora.

Nascida em São Paulo, no dia 2 de março de 1931, é a segunda filha do doutor Álvaro e da dona Esther. De acordo com o seu site oficial, Ruth Rocha ouviu da mãe as primeiras histórias, em geral anedotas de família. Já os contos clássicos dos irmãos Grimm, de Hans Christian Andersen, de Charles Perrault, foram adaptados oralmente pelo avô baiano ao universo



popular brasileiro para encantar a neta. Foi a leitura, no entanto, de *As reinações de Narizinho* e *Memórias de Emília*, de Monteiro Lobato, que realmente abriu as portas da Literatura para a futura autora. Ainda adolescente, Ruth descobriu a Biblioteca Circulante no centro da cidade. Seus autores preferidos eram Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Machado de Assis e Guimarães Rosa.

Em trabalho aprofundado sobre a obra de Ruth Rocha, Maria Aparecida de Fátima Miguel (2006), traça um perfil da escritora incluindo a formação acadêmica da autora que é em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, foi aluna do autor de *Raízes do Brasil*, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, com quem viajou, junto a outros estudantes, para Ouro Preto. Na faculdade, conheceu Eduardo Rocha com quem foi casada até 2012. Tiveram uma filha, Mariana, que a inspirou nas primeiras criações literárias.

Conforme escreve Miguel (2006, p. 31), Ruth Rocha foi (entre 1957 e 1972) orientadora educacional do Colégio Rio Branco, época em que começou a escrever sobre educação para a revista *Cláudia*. Sua visão moderna sobre o tema, bem como o estilo claro e próprio, chamaram a atenção da amiga Sonia Robatto, que dirigia a *Recreio*, revista dedicada ao público infantil. A partir de um convite da amiga, Ruth Rocha escreveu *Romeu e Julieta* (1977), série de narrativas singulares e engraçadas, todas publicadas na revista *Recreio*, que mais tarde Ruth veio a dirigir. Em 1973, trabalhou como editora e, em seguida, como coordenadora do departamento de publicações infantojuvenis da editora Abril. Sua versatilidade na Literatura chama a atenção de quem pesquisa sua obra.





Durante muitos anos, a atuação profissional da autora como editora-chefe, diretora ou consultora de diferentes grupos editoriais se entrecruzou com sua atuação como escritora, possibilitando que seus livros fossem publicados por editoras diferentes em curto período de tempo (DAIBELLO, 2013, p. 59).

Seu primeiro livro foi *Palavras, muitas palavras*, publicado em 1976. Com estilo direto, gracioso e coloquial, altamente expressivo ajudou — juntamente com o trabalho de outros autores — a mudar para sempre a "cara" da Literatura escrita para crianças e jovens no Brasil. Os pequenos leitores passam a ser tratados com respeito e inteligência, em uma relação de igual para igual. Para as autoras Lajolo e Zilberman (2007, p. 120), a escritora Ruth Rocha “faz parte junto com outros autores de um grupo da renovação literária”.

Os textos de Ruth Rocha são lúdicos, de linguagem coloquial e viva. Agora, a criança passa a ser protagonista, e não apenas receptora de informações. O livro *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976), considerado seu *best-seller*, é um dos maiores sucessos editoriais do país, com mais de setenta edições e vinte milhões de exemplares vendidos. Segundo dados do seu site oficial, a obra é um exemplo dessa nova postura em relação à criança na Literatura. Desde seus primeiros textos escritos para o público infantojuvenil na década de 70, Ruth Rocha já propunha novas linguagens em suas produções como bem observa Miguel (2006, p. 37) no trecho: “Dona de um texto inovador que apresenta sempre um discurso rico, em constante diálogo com o seu tempo, a autora está sempre a interagir com tudo que já se produziu no conjunto de textos que define uma literatura”.





Além disso, em plena ditadura militar, a obra de Ruth ousava respirar liberdade e incentivava o leitor a enxergar a realidade, sem abandonar a fantasia. Os livros *O reizinho mandão* (1978), incluído na “Lista de Honra” do prêmio internacional Hans Christian Anderson, *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril* (1996) e *Uma história de rabos presos* (1989) claramente abordam relações de poder.

Seus temas variam. Falam-nos de poder – sim! Relações de poder para um público, dito infantil (será que as crianças são tão infantis assim?) – mas com uma linguagem encantadora e estimulante, que fica parecendo 'coisa de criança' (criança inteligente, como todas o são) e que deixa os adultos com inveja, pois precisam estudar tal assunto com autores e linguagens acadêmicas (CIPOLINI, 2007, p. 35).

Em mais de cinquenta anos dedicados à Literatura, a escritora, com mais de duzentos títulos publicados, foi traduzida para vinte e cinco idiomas. Seus livros abordam a esperança no melhor, mas não de forma inerte, e sim uma esperança que movimenta, que convida para o enfrentamento em busca de um mundo equânime. Sentimentos como solidariedade, cooperação, respeito e tolerância podem se transformar em atitudes contestadoras em relação ao já estabelecido. É possível romper paradigmas com a Literatura Infantil, e isso Ruth Rocha faz com seriedade e atualidade. Ela é uma escritora atenta às questões sociais contemporâneas, como intolerância e preconceito, por exemplo.

Em diferentes estilos, formas ou linguagens (com a presença cada vez mais ativa da ilustração), a invenção literária atual oferece às crianças histórias atraentes, vivas e bem-humoradas que buscam diverti-las e, ao mesmo tempo, estimular-lhes a





consciência crítica em relação aos valores defasados do sistema vigente e aos novos valores a serem eleitos (COELHO, 1991, p. 263).

Defensora dos direitos das crianças, escreveu em parceria com Otávio Roth, uma versão para a Declaração Universal dos Direitos Humanos, direcionada ao público infantojuvenil, a qual foi lançada na sede da Organização das Nações Unidas em Nova York, em 1988. Recebeu inúmeros prêmios como os da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além do prêmio Santista, da Fundação Bunge, o prêmio de Cultura da Fundação Conrad Wessel, a Comenda da Ordem do Mérito Cultural e oito prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira de Letras. Uma carreira de sucesso reconhecida por quem pesquisa sua obra. Dessa forma, “todo esse êxito parece corresponder à receptividade absolutamente positiva que a produção da autora tem encontrado diante do público durante toda a sua carreira” (DAIBELLO, 2013, p. 80).

Reconhecida por sua extensa produção, hoje a autora tem seu nome em várias bibliotecas do país — no interior de São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília. Em 2008, Ruth Rocha foi eleita membro da Academia Paulista de Letras. Com irreverência, independência, poesia e bom humor, seus textos fazem com que as crianças elaborem indagações sobre o mundo e sobre si mesmas, bem como ensinam os adultos a ouvirem o que elas dizem ou estão tentando dizer. É possível perceber em sua obra uma preocupação e um profundo respeito pela infância, mas sem sentimentalismos.





A linguagem próxima ao universo infantil não é sinônima de 'piegas' com reduções, simplificações e 'infantilizações', com o autor pensando que fala como criança, mas, ao contrário, é uma escrita rica em vocabulário e situações de personagens e de histórias, com uma linguagem cotidiana (CIPOLINI, 2007, p. 37).

Na verdade, a escrita de Ruth Rocha demonstra respeito ao seu leitor e, para isso, é necessário escrever com clareza, demonstrando atenção ao público. O que as crianças e jovens esperam é franqueza no que está sendo dito a eles, especialmente se se considerar a atualidade que a Literatura Infantojuvenil ganhou ao longo do tempo. Nos últimos anos, os livros infantojuvenis vêm ganhando novos formatos, texturas, cores, ilustrações e assuntos diversos, enriquecendo assim o diálogo com o leitor. As linguagens visual e verbal das histórias têm contribuído para a melhor compreensão dos temas que os autores se propõem a lançar. Juntas, essas linguagens povoam o imaginário infantil possibilitando inferências e apropriações do texto. Isso remete ao pensamento de Chartier (2009, p. 77), segundo o qual “a literatura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”.

No entanto, toda essa liberdade implícita na citação acima será sempre um pouco limitada para o leitor em razão de sua relação com a leitura, que é marcada pelo tempo e pelo lugar. Por ser uma realização humana, a apreciação de uma obra literária tem aspectos muito individuais e peculiares, que remetem à sua origem e à comunidade a que pertence. O próprio Chartier (2009, p. 91-92) assevera que “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular”. A literatura de Ruth





Rocha também é única e tem evoluído em todos esses anos em harmonia com as mudanças ocorridas tanto na linguagem, quanto em aspectos próprios de diagramação, por exemplo. Seu texto é moderno e tem o magnetismo visual como aposta na conquista de novos leitores que irão comover de maneira bem particular a cada nova história. Aliás, é nesse sentido que Lajolo e Zilberman (2007, p. 24) afirmam que "os livros infantis brasileiros contemporâneos vão manifestar ainda outro traço de modernidade: a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários de texto, e sim como elemento autônomo, praticamente autossuficiente".

Em 2017, a escritora completa 50 anos de carreira, os quais serão comemorados com uma vasta programação intitulada *Ruth Rocha, A Aventura de Ler*, iniciada no mês de abril do ano 2016. Idealizada e organizada por Jô Santana, que é ator, diretor e produtor cultural, além de seu "amigo de longa data", como ele mesmo disse em entrevista à revista *Crescer*, constam nessa programação: uma exposição sobre a escritora e um documentário com depoimentos de amigos também escritores, como Pedro Bandeira, Eva Furnari e Antônio Prata. Para tal ano, ainda estão programadas a encenação de duas peças de obras escritas por Ruth e que já foram inclusive objeto de trabalhos acadêmicos – *O Reizinho Mandão* (1978) e *Dois Idiotas Sentados Cada qual no Seu Barril* (1996) – sendo que ambas discutem o poder e, no caso de *O Reizinho*, o mau uso do poder.

Percebe-se que Ruth Rocha acreditava que um mundo diferente seria possível e, logo que iniciou sua atividade profissional, isso foi revelado em seus personagens. A autora experimentou no início de sua carreira as



amarguras e limitações de produzir literatura num Brasil em regime ditatorial, fato que não a impediu de criar histórias com temas polêmicos para o público infantil, até então inimagináveis. E por que será que essas obras não sofreram censura? A escritora Ana Maria Machado, no livro *Texturas* (2001) conta de forma até um pouco irônica sua ideia sobre tal fato. Diz ela:

Por incrível que pareça, os militares não deram a menor importância aos livros para criança. Por não costumarem ler para seus filhos, quem sabe? Ou por não quererem perder tempo com esses assuntos que talvez considerassem femininos, ou por não entenderem o que estava dizendo aquela linguagem poética e simbólica (MACHADO, 2001, p. 81).

O fato de a Literatura Infantojuvenil ter, no geral, passado despercebida pelos representantes das forças opressoras pode ter sido por ser considerada, naquele momento, como um gênero “inocente”, uma literatura “menor” cuja temática não representava a produção na década de 60ⁱ, a qual abordava o Brasil rural. As obras até entãoⁱⁱ retratavam um cotidiano pacato, com pessoas simples e passivas e, portanto, não representavam perigo. Nesse período ainda, as obras infantis tinham um caráter didáticoⁱⁱⁱ e muitas delas transmitiam convenções estabelecidas, como a obediência, resquícios dos primeiros anos do século XX em que a Literatura Infantil era vista como tradutora dos anseios dos governantes e das elites. Sobre essa visão utilitarista da Literatura na escola Zilberman defende que:

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não



podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança (ZILBERMAN, 1996, p. 16).

Ruth Rocha e outros escritores, músicos e atores puderam, cada um dentro de sua arte, contestar um regime opressor e sentenciador de imposições e ordens. Foi um período de grande inquietação e produção cultural no país, apesar das crueldades produzidas pela ditadura. A escrita das obras de Ruth Rocha, inclusive de *O que os olhos não veem*, objeto de estudo neste trabalho, teve início num período histórico conturbado com extremo cerceamento da liberdade de expressão, imposto pela ditadura militar no Brasil, ocorrida entre os anos de 1968 e 1985. Foi através da Literatura, e principalmente da Literatura Infantojuvenil, como ressaltam Vargas e Santos (2008, p.2), que os escritores puderam revelar muito desse momento sombrio do país: "O inesperado foi perceber que sociólogos, jornalistas, atores e intelectuais migraram para a literatura infantil, gênero desprezioso, pouco visado pelos generais. Através dela, de maneira simbólica, foi possível questionar a realidade do Brasil".

Esses escritores perceberam que, como a criança era vista como incapaz de fazer julgamentos, a literatura direcionada a ela também estaria longe de trazer questionamentos, suscitar discussões ou promover alguma resistência ao regime vigente, sendo assim ignorada pelos responsáveis pela censura às produções da época. Para os pensadores, foi a oportunidade de que precisavam para que, através da capacidade que têm na criação com as palavras, pudessem se manifestar contra os valores semeados pela ditadura. Com excelentes construções metafóricas e num universo fantasioso,



criaram histórias que, a partir de uma leitura mais atenta, denunciam os anos de “endurecimento” (GASPARI, 2002, p. 133) de uma ditadura cruel.

Segundo Reimão (2014, p. 1), “uma das primeiras providências dos regimes autoritários é restringir a liberdade de expressão e opinião; trata-se de uma forma de dominação pela coerção, limitação ou eliminação das vozes discordantes”. Ruth Rocha não se intimidou e ousou servindo-se da criatividade em sua literatura, como forma de resistência para driblar os líderes do autoritarismo. Na década de 60, alguns artistas, especialmente os da música, usaram também esse artifício para expressar seus sentimentos de insatisfação diante das crueldades pelas quais passava o país.

A explosão de criatividade que, na década anterior [década de 1960, início de 1970], se dá na área da Música Popular Brasileira [especialmente com o movimento conhecido “Tropicália”], em meados dos anos 70 vai-se dar com a Literatura Infantil/Juvenil (e também com o Teatro Infantil) (COELHO, 1991, p. 259).

Diante do exposto, pode-se dizer que a produção literária direcionada ao público infantojuvenil foi marcada por uma postura de contestação. Criando histórias e valendo-se de muita habilidade com as palavras, os literatos apresentavam, a partir de metáforas, uma crítica ao regime totalitário da época. Os temas tratados por eles e Ruth Rocha circulavam por violência, abuso de poder, injustiças, autoritarismo e opressão, situações experimentadas por muitos dos autores da época, transportadas agora para o mundo imaginário das crianças.



Com a repressão e o fechamento da década, ficou difícil falar do real, mas por isso mesmo, mais do que nunca isso era necessário. E era preciso driblar a repressão. Jogar com as ambiguidades, com a possibilidade de diversos níveis de leitura, com a polissemia e a multivocidade. Aguçar a ironia. Transpor sentidos. Fazer metáforas. Construir símbolos. É aí que a poesia e a literatura infantil encontram seu terreno por excelência, é aí que se movem mais à vontade (MORAES e LAJOLO, 1995, p. 52).

A citação de Moraes e Lajolo (1995) ilustra o caminho trilhado por Ruth Rocha. A escritora elaborou uma nova literatura, transgressora, moderna, de opinião, que vai para além de um sentido pedagógico. Uma literatura que possibilita o pensamento crítico, que proporciona à criança perceber as diversas formas de representação da realidade, levando-a a enxergar as potencialidades da linguagem como bem registrado por Zilberman (1987) em um de seus muitos textos sobre Literatura Infantil:

Se esta quer ser literatura, precisa se integrar ao projeto desafiador próprio de todo fenômeno artístico. Nesta medida, deverá ser interrogadora das normas em circulação, impulsionando seu leitor a uma postura crítica perante a realidade e dando margem à efetivação dos propósitos da leitura enquanto habilidade humana. Caso contrário, transformar-se-á em objeto pedagógico, transmitindo a seu receptor convenções constituídas, em vez de estimular a um conhecimento da circunstância humana que adotou tais padrões (ZILBERMAN, 1987, p. 70).

A partir das leituras feitas é possível perceber, então, que a trajetória trilhada pelos escritores da literatura infantil, inclusive Ruth Rocha, ocorreu aos poucos. De forma gradual, foram conquistando espaços importantes para promoção de novos autores e autoras, como a revista *Recreio*, por exemplo. Em livro já citado, Ana Maria Machado (2001) relata que, no ano





de 1969, ela mesma recebeu um telefonema de São Paulo. Era de uma nova revista dirigida às crianças, a ser criada pela editora Abril. O periódico procurava autores que nunca tivessem escrito para esse público, mas que fossem "bons de conversa e soubessem escrever". Outros fatores como a expansão do mercado editorial e as novas relações entre a escola e a literatura contribuíram para a eclosão de produção da Literatura Infantojuvenil.

Análise reflexiva da obra: *O que os olhos não veem*

Com uma estrutura simples e usando rimas, o livro da autora apresenta uma linguagem leve, própria para o público que ela deseja atingir, ainda que seu texto agrade a todas as idades. Isso habilita a autora a fazer um convite, em muitos momentos do texto, para que a criança e o jovem mergulhem na história e recriem, completem ou até mesmo mudem o rumo da trama a partir de sua imaginação e seu ponto de vista.

Em muitas passagens de *O que os olhos não veem*, Ruth Rocha estimula o leitor a uma tomada de posição em relação a temas considerados sérios e complexos, como o poder, por exemplo. Essa postura contestadora em sua obra é ressaltada também por Lajolo e Zilberman (2004, p. 124), quando apontam que há “na irreverência de Ruth Rocha, em suas histórias irônicas que têm o contorno nítido das fábulas e da alegoria – estruturas em que, de forma menos ou mais ortodoxas, estão as marcas de um texto que se quer libertário”.



Ao se valer de metáforas e alegorias, recursos muito presentes em sua obra, a autora discorre sobre problemas sociais e políticos de maneira reflexiva. Dessa forma, ela consegue documentar o seu tempo de maneira lúdica. Seu texto é atemporal, pois os temas que aborda estão presentes em várias sociedades, e isso faz com que o leitor amplie seus horizontes sobre o conhecido. Alguns de seus personagens são adjetivados como mandões, surdos, cegos e apáticos indiferentes à população.

Na obra sobre a qual este trabalho se propõe a refletir, o tema central é o poder, a estrutura social e a política vigente, que cerca o ano de 1981. Trazer esse contexto para a atualidade é possível diante da presente situação do Brasil. Como é amplamente sabido, o país hoje vive um momento delicado, com sua democracia enfraquecida diante de escândalos de corrupção, disputas de poder e perda de direitos sociais adquiridos. Esse cenário põe uma boa parte dos brasileiros em uma situação semelhante à do povo representado inicialmente por Ruth Rocha, um povo fraco, pequeno e dominado pelo poder de uma minoria. O trecho abaixo evidencia essa submissão do povo:

Havia uma vez um rei num reino muito distante,
 que vivia em seu palácio com toda a corte reinante.
 Reinara pra ele era fácil, ele gostava bastante.
 Mas um dia, coisa estranha!
 Como foi que aconteceu?
 Com tristeza do seu povo nosso rei adoeceu.
 De uma doença esquisita, toda gente, muito aflita, de repente percebeu...
 Pessoas grandes e fortes o rei enxergava bem.
 Mas se fossem pequeninas, e se falassem baixinho, o rei não via ninguém.
 (ROCHA, 1981, p. 4-7)



Já no início do trecho, o mundo de fantasia de Ruth Rocha se faz presente, e o tom de denúncia, marca dessa obra, aparece na deformação auditiva e visual de um rei que só enxergava e ouvia seus aliados, e essa moléstia se alastra tomando conta de outras autoridades do reino. Dessa forma, a autora expõe metaforicamente sua indignação com a estrutura social e política do momento vivido pelo Brasil naquela década. Como um contágio, essa moléstia favorecia a permanência de um grupo no poder, revelando a tensão existente entre “dominante/dominado”, já observada por Rosa Maria Cuba Riche (1985) em sua obra.

Essa posição de inferioridade do povo é, inclusive, evidenciada nos termos “pequeninas” e “baixinho” (pobres), empregados pela autora no diminutivo, chamando, assim, a atenção para a insignificância e a subordinação do povo diante de um rei, que só era capaz de enxergar as pessoas “altas” e “fortes” (ricos). E os versos ritmados vão levando os leitores para um mundo imaginário que, por vezes, não parece ser tão impossível assim, pois sua obra trata de forma lúdica a realidade de seu cotidiano, o que é evidenciado no próximo conjunto de versos.

Por isso, seus funcionários tinham de ser escolhidos
 entre os grandes e falantes, sempre muito bem nutridos.
 Que tivessem muita força, e que fossem bem nascidos.
 E assim, quem fosse pequeno, da voz fraca, mal vestido,
 não conseguia ser visto. E nunca, nunca era ouvido.
 O rei não fazia nada contra tal situação;
 pois nem mesmo acreditava nessa modificação.
 E se não via os pequenos e sua voz não escutava, por mais que eles
 reclamassem o rei nem mesmo notava.
 E o pior é que a doença num instante se espalhou. Quem vivia junto ao rei logo
 a doença pegou.
 (ROCHA, 1981, p. 8-10)





Ao que parece, o tempo narrado por Ruth Rocha é anacrônico, e o espaço é um reino que também pode ser transposto à realidade do leitor, conforme corrobora Mariano (2012). No conjunto de versos acima, a autora faz uso de uma linguagem simbólica para realçar o poder e a opção do rei pelos fortes. Os escolhidos são os que têm força e voz ativa, que se impõem para conseguir o que desejam, enquanto os fracos ficam à margem, deixados de lado em situação de invisibilidade. A leitura crítica da obra de Ruth Rocha é um dos caminhos possíveis como observa Riche (1985, p. 113) ao mencionar que “o questionamento ideológico é um dos traços marcantes, gerador de tensão repressão x transgressão”, lembrando que o período de inauguração de sua obra foi o início dos anos 70, meses depois do AI5^{iv}.

Os versos narrados denunciam os maus governantes que agem por interesses pessoais, ignorando as necessidades de seus governados, mantendo a reprodução de uma classe pobre. No Brasil, essa situação parece ser também uma doença como a que acometeu o rei da história de Ruth, como bem escreveu recentemente Souza (2011) sobre o atual contexto político do Brasil. Para ele, “o abandono social e político das famílias marcadas pelo cotidiano da exclusão parece ser o fator decisivo para a reprodução indefinida dessa classe social no tempo” (SOUZA, 2011, p. 39). Daí a atualidade da obra de Ruth Rocha, que consegue de maneira lúdica criar histórias com ricos personagens possibilitando reflexões acerca de temas políticos e sociais atemporais, como disputas de poder e de classes, preconceito e indiferença.

Em suas narrativas, temos reinos chefiados por reis opressores e apáticos para com o bem-estar local. Porém, nelas, as estruturas autoritárias como repressão e imposição de leis



incabíveis são discutidas e, de uma maneira geral, ratificadas com os contadores de estórias, por problematizarem questões sociais, desmascararem o poder e revelarem uma ideologia (MARIANO, 2012, p. 40).

A história *O que os olhos não veem*, criada por Ruth Rocha, traz questionamentos e reflexões que possibilitam um olhar crítico nas relações sociais que permeiam esses vínculos. Pensando no momento atual do país, é possível fazer uma analogia das opções políticas do atual presidente que, em nome de ajuste fiscal, reformas da previdência e trabalhista, tem se unido a grupos políticos que sempre ignoraram a situação da maior parte da população brasileira - os pobres - e tomado decisões cada vez mais excludentes, afinadas com a ideia de permanência no poder.

Essa forma de conduzir o país tem aumentado o abismo entre ricos e pobres. As características e atitudes do governante e de seus assessores se assemelham aos personagens criados por Ruth Rocha como reis, ministros e soldados, que praticam atos condenáveis para se manter no poder, como se pode observar no seguinte trecho do livro:

E os ministros e os soldados, funcionários e agregados, toda essa gente
 cegou.

De uma cegueira terrível, que até parecia incrível de um vivente acreditar,
 Que os mesmos olhos que viam pessoas grandes e fortes,
 as pessoas pequeninas não podiam enxergar.

E se, no meio do povo, nascia algum grandalhão, era logo convidado para ser o
 assistente de algum figurão. Ou senão, pra ter patente de tenente ou capitão.

E logo que ele chegava, no palácio se instalava; a doença, bem depressa,
 no tal grandalhão pegava. Todas aquelas pessoas, com quem ele convivia,
 que ele tão bem enxergava, cuja voz tão bem ouvia, como um encantamento,
 ele agora não tomava menor conhecimento [...].

(ROCHA, 1981, p. 10-15)





O trecho acima evidencia a percepção do rei e de seus aliados em relação ao povo, o quanto eles não se importavam com a “massa” que não lhes oferece vantagem alguma. Para os que eram escolhidos para conviver no palácio, o interessante era se aproximar do rei e compactuar com seu jeito de governar. É o fascínio que o poder exerce sobre as pessoas; acharem-se superiores por estarem próximo de alguém que detém o poder. Uma relação de forças que foi inclusive detalhada por Maquiavel (2007) na sua célebre obra *O Príncipe*, considerada como um tratado em que se reflete sobre as condutas que envolvem a conquista e a manutenção do poder.

É preciso observar, nesse trecho, que a doença que era transmitida aos grandalhões convidados a serem assistentes de algum figurão nada mais é do que uma metáfora representativa da ação de compartilhar de um novo posicionamento político, de modo a se adequar aos ditames daqueles que detêm o poder. Assim, para experimentar o poder, é necessário agir como detentor dele. Porém, ao longo da narrativa, a autora possibilita que o povo, até então oprimido em uma situação de menosprezo, tenha uma atitude de luta contra os fortes como na seguinte passagem:

Seria até engraçado se não fosse muito triste;
 como tanta coisa estranha que por esse mundo existe.
 E o povo foi desprezado, pouco a pouco, lentamente.
 Enquanto o próprio rei vivia muito contente;
 Pois o que os olhos não veem, nosso coração não sente.
 E o povo foi percebendo que estava sendo esquecido;
 Que trabalhava bastante, mas que nunca era atendido;
 Que por mais que se esforçasse não era reconhecido.
 Cada pessoa do povo foi chegando à convicção,
 Que eles mesmos é que tinham que encontrar a solução pra terminar a tragédia.
 Pois quem monta na garupa não pega nunca na rédea!
 Eles então se juntaram, discutiram, pelearam, e chegaram à conclusão



Que se a voz de um era fraca, juntando as vozes de todos, mais parecia um trovão.
(ROCHA, 1981, p.15-20)

No trecho acima, metáforas e provérbios populares têm valores bem simbólicos na história analisada. Carregadas de significados, as alegorias revelam a distância entre governante e governado, reafirmando o desejo do rei de se manter indiferente às necessidades do povo, já que não se interessava pelo que acontecia nesse reino tão distante, pois “o que os olhos não veem, o coração não sente”. O provérbio, na verdade, funciona como justificativa para o contentamento do rei, que, não vendo e desconhecendo as necessidades de seus súditos, acabaria por estar isento em relação à sua atitude de inércia.

E esse desprezo é complementado com outro provérbio de grande significado, principalmente por se tratar de uma obra com viés político. Em “quem monta na garupa não pega nunca na rédea!”, Ruth chama atenção do leitor para a importância de se ter uma atitude, ter liderança, escolher caminhos e não apenas deixar-se guiar. A garupa é a representação de se atribuir ao povo um papel secundário em uma sociedade da qual deveria ser o verdadeiro protagonista. E, logo a seguir, essa história propõe uma solução para chamar a atenção do povo, que se une numa só voz que mais parece um "trovão", metáfora para um grande e forte barulho resultado da união do povo, quando decidiu lutar por um bem comum, o que possibilitou ser ouvido.

E se todos, tão pequenos, fizessem pernas de pau, então ficariam grandes,
E no palácio real seriam logo avistados, ouviriam os seus brados, seria como um sinal.
E todos juntos, unidos, fazendo muito alarido seguiram pra capital.





Agora, todos bem altos nas suas pernas de pau.
Enquanto isso, nosso rei continuava contente. Pois o que os olhos não veem nosso
coração não sente...
Mas de repente, que coisa! Que ruído tão possante! Uma voz tão alta assim só pode ser
um gigante!
(ROCHA, 1981, p. 22-26)

A princípio, observa-se, pelo uso de expressões que remetem a som tais como "brados", "alaridos", "ruído tão possante" e "voz tão alta", e das que representam tamanho como "ficariam grandes", "todos bem altos" e "um gigante", que a autora constrói um cenário a partir do qual o povo poderia ser ouvido pelo seu soberano. Fica manifesta, também, a capacidade de criação do povo, que resolve construir pernas de pau para ficar na mesma "altura" dos que comandam o reino. Essa passagem marca a tomada de posição de um povo até então ignorado, mas que percebeu a eficiência da organização para o enfrentamento de uma situação de inferioridade, o que fez com que fossem os indivíduos vistos e ouvidos. Esse romper com a ordem estabelecida é também uma das marcas de algumas obras de Ruth Rocha, incluindo a que está sendo analisada, contribuindo, assim, para uma consciência crítica de seu leitor, inclusive a criança e o jovem como bem observa Miguel (2006, p. 60): "Há em sua obra um projeto transformador, a criança é tida como um ser inteligente e capaz de optar".

A autora estimula a criança a se posicionar, até porque, no mundo maravilhoso das histórias, tudo pode acontecer. E, mais uma vez, pode-se reportar ao contexto da ditadura, outro traço de algumas de suas obras, quando de Gaspari (2002, p. 242) pontua que "a inexorabilidade da existência burguesa, a onisciência do poder e a invencibilidade do mais forte, certezas da década de 50, tornaram-se dúvidas no fim dos anos 60".



Fica a mensagem de Ruth Rocha de que é possível haver mudança desde que seja organizada, forte e que tenha objetivos claros do que se pretende.

As pernas de pau funcionam como símbolo de grandeza, altivez e aparato que possibilitaria ao povo ser visto pelo rei, o qual só "acordou" para tal fato quando ouviu o ruído estrondoso das vozes unidas. Nessa obra, a autora usa com propriedade alguns provérbios populares e convida à inferência o leitor, para que complete a mensagem anunciada. Com essa perspicácia, Ruth Rocha se aproxima do público e vai dando pistas de como o povo pode se organizar, mostrando a importância da coletividade para a solução de problemas comuns. A Literatura Infantojuvenil pode, então, contribuir para um olhar crítico do leitor desde cedo, além de mostrar a sua força libertadora como na frase de Gianni Rodari (1982, p. 9): “Não se ensina literatura para que todos os cidadãos sejam escritores, mas para que nenhum seja escravo”. Ruth Rocha, então, propõe um desfecho em sua história a partir da luta pela mudança como se pode conferir nos últimos versos.

-Vamos olhar na muralha.

- Ai, São Sinfrônio, me valha neste momento terrível!

Que coisa tão grande é esta que parece uma floresta?

Mas que multidão incrível!

E os barões e os cavaleiros, ministros e camareiros, damas, valetes e o rei tremiam como geleia, daquela grande assembleia, como eu nunca imaginei!

E os grandões, antes tão fortes, que pareciam suportes da própria casa real; agora tinham chiliques e cheios de tremeliques fugiam da capital.

O povo estava espantado pois nunca tinha pensado em causar tal confusão, só queriam ser ouvidos, ser vistos e recebidos sem maior complicação.

E agora os nobres fugiam, apavorados corriam de medo daquela gente.

E o rei corria na frente, dizendo que desistia de seus poderes reais.

Se governar era aquilo ele não queria mais!

Eu vou parar por aqui a história a que estou contando.





O que se seguiu depois cada um vá inventando.
Se apareceu novo rei ou se o povo está mandando, na verdade não faz mal.
Que todos naquele reino guardam muito bem guardadas as suas pernas de pau.
Pois temem que seu governo possa cegar de repente.
E eles sabem muito bem que quando os olhos não veem nosso coração não sente.
(ROCHA, 1981, p. 26-34)

Diante da ação de enfrentamento do povo, só restou ao rei e a seus aliados enxergar aquele grupo de pessoas que demonstravam a força que tinha diante da busca pela visibilidade. Isso resta comprovado na comparação metafórica alusiva ao medo em "E os grandões, antes tão fortes, que pareciam suportes da própria casa real; agora tinham xiliques e cheios de tremeliques fugiam da capital", bem como nos trechos seguintes: "E agora os nobres fugiam, apavorados corriam de medo daquela gente. E o rei corria na frente, dizendo que desistia de seus poderes reais. Se governar era aquilo ele não queria mais!". Ao que parece, o rei percebe a dificuldade de governar diante da vontade expressa do povo que, descontente, deixa clara a necessidade de mudança.

Na verdade, o povo encontrou uma saída plausível para uma situação que parecia não ter solução, o grupo agiu com emancipação ao construir suas pernas de pau que, na história narrada pela autora, fazem todo o sentido como destaca Miguel (2006, p. 75) ao salientar que “os dados inverossímeis dentro da sua história tornam-se coerentes, a sabedoria e o poder de criação são as melhores armas na luta contra os fortes”. Borges e Oliveira (2015, p. 12) também ressaltam o potencial da união em busca de um objetivo comum quando dizem que “a narrativa aponta para o fato de a união fazer a força, em alusão ao ditado popular, pois os pequeninos (ou oprimidos), quando unidos, têm voz mais impactante”. Essas passagens



evidenciam a valorização dos provérbios em algumas obras de Ruth Rocha.

Por fim, pode-se perceber como Ruth Rocha dá ao leitor a propriedade de se posicionar diante de questões sociais, na medida em que deixa a cargo dele a ação de completar a história, com se vê em "O que se seguiu depois cada um vá inventando". Apesar disso, a autora deixa explícita a necessidade de guardar "as pernas de pau", como prevenção no caso de adoecimento do rei, o que pode ser transposto aos dias atuais pela necessidade de se unir e reservar "ações" para que o povo se faça ouvir diante de um possível "esquecimento" dos deveres por parte do governante.

Considerações finais

As reflexões críticas realizadas a partir da obra *O que os olhos não veem* de Ruth Rocha fizeram emergir dilemas que insistem em perdurar até os dias de hoje nas diversas sociedades, como a disputa de poder e a busca pela liberdade, temas sempre evidenciados na obra analisada.

Este trabalho aponta mecanismos para desmistificar a função educativa que ainda desenvolve na escola a Literatura Infantojuvenil, cujo uso, às vezes, é de mero suporte de uma educação moral, em que, a partir de uma história, o leitor absorve apenas ensinamentos. O texto literário pode e deve ser transcendental, mais do que objeto de prazer pela leitura. E a obra de Ruth Rocha possui elementos que transportam o leitor a um caminho emancipador, pois o texto de suas histórias é sempre "recheado" de mensagens e personagens transgressores. Esses elementos funcionam como verdadeiros mecanismos que fizeram a obra de Rocha produzir significar



durante a ditadura militar: metáforas, alegorias, comparações metafóricas e linguagem altamente simbólica.

Na verdade, toda a obra transmite uma mensagem; é necessário saber quais mensagens se quer passar para as gerações. O texto de Ruth Rocha tem esse caráter libertador, e essa particularidade, aliada ao aspecto lúdico, confere à obra da autora importante caminho para uma mudança de paradigma. Ao que parece, a autora se apoia na ludicidade e no potencial significativo que sua obra, que alude sem aludir diretamente. O modo como a autora escreve, ao mesmo tempo em que marca posicionamento político diante de questões sociais, pode significar para as crianças, inclusive por meio da mediação. Dessa forma, entende-se que, ao escrever a obra destinada a crianças e jovens, a autora sensibilizava os adultos, fazendo-os refletir acerca do momento político da época.

Nesse sentido, uma experiência positiva com a Literatura Infanto-Juvenil pode ampliar os horizontes da criança e do jovem, além de possibilitar um olhar mais crítico em relação às dinâmicas sociais que muitas vezes são bem assimétricas. Para isso, é necessário envolver esse público com a leitura, ouvi-lo falar de livros e oferecer espaços e momentos para esse desafio. Tudo isso é essencial. A instituição escolar, especialmente a que atende segmentos mais populares, com pouco ou nenhum acesso às obras literárias, deve ser lugar de apropriação da leitura e, por isso, não deve se furtar de sua função social que é emancipar as pessoas, torná-las curiosas e capazes de ter um posicionamento intelectual e crítico. A experiência literária pode ser enriquecedora para a criança e para o jovem. Individual ou coletiva, a leitura de obras da Literatura



Infantojuvenil, quando elas incentivam o pensamento crítico, como o faz Ruth Rocha na obra analisada, é capaz de ampliar horizontes, levar o leitor a pensar sobre si e o mundo, motivo pelo qual é preciso superar práticas ineficazes de aproveitamento das obras destinadas ao público infantojuvenil.

No entanto, a descoberta do mundo maravilhoso da Literatura Infantojuvenil muitas vezes, ocorre somente na escola e, em relação à da rede pública, essa conquista está sempre associada à alfabetização e ao letramento. Faz-se necessária, portanto, uma mudança de comportamento do profissional da educação em relação às possibilidades que essa Literatura oferece. Os educadores devem empenhar-se na proposição do texto literário como importante aporte para discussões de temas contemporâneos tão em voga como questões de gênero e raça, moradia e emprego, ou a perpetuação do poder e necessidade de liberdade, ambas retratadas por Ruth em *O que os olhos não veem*. Um caminho para a mudança de atitude pode ser a formação continuada. O professor, como importante mediador que é na tarefa de oportunizar à criança e ao jovem o contato com o mundo da Literatura, precisa ser um estudioso da educação, campo de conhecimento muito desafiador. Imprescindível ao professor é gostar de ler, descobrir novos caminhos para sua *praxis* e mostrar aos seus alunos a importância de uma leitura que não seja meramente mecânica, decodificadora apenas, mas uma leitura encantadora, que leve a outros “lugares”, inclusive os de crítica social e política.

Diante disso, a atualidade da história criada por Ruth Rocha confere à sua Literatura um caráter atemporal. Quando escreve, não só cria, mas



também recria a partir de experiências pessoais fatos vivenciados, valendo-se de mecanismos utilizados com essa finalidade. A autora representou em sua obra um momento vigente na complexa história do país: a ditadura. Mas era esse o seu tempo. Hoje, seu texto dialoga com o momento atual do Brasil, quando a democracia se vê ameaçada principalmente pela corrupção, tanto condenável e prejudicial ao país quanto representativa de práticas não ultrapassadas pelo tempo. Assim, saber reconhecer com criticidade esses aspectos e mecanismos dentro de um texto literário contribui para a construção de sociedades mais justas e conscientes da importância da coletividade, do pensamento crítico e da união, tudo evidenciado em *O que os olhos não veem*.

Referências

ANDRADE, T. C.. **Saudade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 64. edição, 1974.

BORGES, D. S. L.; OLIVEIRA, T. S. de. A Cena de enunciação e a construção do ethos: uma análise de trechos de *O que os olhos não veem*, de Ruth Rocha. **Memento** - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso, v. 06, n .2, p.1-15, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/2514/pdf_57>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1981.

CIPOLINI, T. O. **Tramas tramadas de um tapete: fios históricos nas histórias de Ruth Rocha**. Campinas, SP: UNICAMP. 2007.





COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em 19 dez. 2017.

CORRÊA, Viriato. **Arca de Noé**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

DAIBELLO, C. de O.. **Ruth Rocha**: produção, projetos gráficos e mercado editorial. Campinas, SP: UNICAMP. 2013.

GASPARI, É.. **A ditadura envergonhada**: as ilusões armadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOBATO, M. **Narizinho Arrebitado**. São Paulo: Monteiro Lobato&Cia, 1921.

MACHADO, A. M. **Texturas**: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHIAVEL, N. **O Príncipe**: comentários de Napoleão I e Cristina da Suécia/Nicolau Maquiavel. Tradução de Fulvio Lubisco. São Paulo: Jardim dos livros, 2007.

MARIANO, J. C. **A literatura e o autoritarismo no século XX**: um estudo comparativo entre Ruth Rocha e José Cardoso Pires, São Paulo: USP, 2012.

MEIRELES, C. **Rute e Alberto resolveram ser turistas**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1938.





MIGUEL, M. A. de F. **Ruth Rocha** - página a página. Assis, SP: UNESP. 2006.

MORAES, C.; LAJOLO, M. A expansão da literatura infantil. *In*: BASTOS, Dau (org.). **Ana & Ruth**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

REIMÃO, S. “Proíbo a publicação e circulação...” – censura a livros na ditadura militar. **Estudos Avançados**. v. 28, n. 80, p. 75-90, jan./abr. 2014.

Disponível em:
 <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79684/83686>>. Acesso em:
 27 nov. 2017.

RICHE, R. M. C. Histórias de reis e questionamento ideológico de Ruth Rocha. **Perspectiva**, v. 2, n. 4, p. 113-118, jan./dez. 1985. Disponível em:
 <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/issue/view/706>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

ROCHA, R. **O que os olhos não veem**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1981.
 _____. **Dois idiotas sentados cada qual em seu barril...** São Paulo: Ática, 1996.

_____. **O reizinho mandão**. São Paulo: Pioneira, 1978.

_____. **Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

_____. **Palavras, muitas palavras...** São Paulo: Quinteto Editorial, 1976.

_____. **Romeu e Julieta**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

_____. **Uma história de rabos presos**. São Paulo: Salamandra, 1989.

_____. Site oficial. Disponível em: <www2.uol.com.br/ruthrocha/>. Acesso em 12 ago. 2017.





RODARI, G. **Gramática da Fantasia**. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

SOUZA, J. A Parte de Baixo da Sociedade Brasileira. **Revista Interesse Nacional**, v. 14, p. 33-41, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4116583/mod_resource/content/2/A%20Parte%20de%20Baixo%20da%20Sociedade%20Brasileira%20Jess%20C3%A9%20Souza%20%28A8%29.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

VARGAS, A. Q. de; SANTOS, E. dos. Tropical sol da liberdade, memórias de um espírito libertário. **Literatura e Autoritarismo** - Processos de identificação e políticas da (in)diferença, n. 18, 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num18/art_02.php>. Acesso em: 27 nov. 2017.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.

VERÍSSIMO, É. **Meu ABC**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

Este texto é de responsabilidade de seu (s) autor (es).

ⁱ A exemplo de *Saudade*, de Tales de Andrade.

ⁱⁱ Podem-se citar, a título de exemplo, a obra *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, e *Arca de Noé*, de Viriato Corrêa.

ⁱⁱⁱ A exemplo de *Rute e Alberto resolveram ser turistas*, de Cecília Meireles, e *Meu ABC*, de Érico Veríssimo.

^{iv} O AI-5 (Ato Institucional número 5) foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). É considerado o mais duro golpe na democracia, porque deu poderes quase absolutos ao regime militar. Redigido pelo Ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva, o AI-5 entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva. Com esse instrumento legal o governo pode entre outras ações:

- . intervir sob pretexto de “segurança nacional” em estados e municípios, suspendendo as autoridades locais e nomeando interventores federais para dirigir estado e municípios;
- . censurar previamente música, cinema, teatro e televisão (as obras eram censuradas por motivos vagos como subversão da moral ou bons costumes);
- . censura da imprensa e outros meios de comunicação.